



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MORGANNA GOMES VASCONCELOS MOREIRA

**É PRECISO FALAR EM INGLÊS DURANTE AS AULAS DE LI DAS ESCOLAS
PÚBLICAS? CRENÇAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL DA UFT
SOBRE O ENSINO DE LI NAS ESCOLAS PÚBLICAS.**

Araguaína - TO

2018

MORGANNA GOMES VASCONCELOS MOREIRA

É PRECISO FALAR EM INGLÊS DURANTE AS AULAS DE LI DAS ESCOLAS
PÚBLICAS? CRENÇAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL DA UFT SOBRE
O ENSINO DE LI NAS ESCOLAS PÚBLICAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
Licenciatura em Letras Língua Inglesa e respectivas
Literaturas da Universidade Federal do Tocantins, como
requisito parcial para a obtenção de grau de licenciado
em Letras.

Orientador: Prof. Dra. Selma Maria Abdalla Dias
Barbosa

ARAGUAÍNA - TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- G633 ♦ GOMES, Morganna Vasconcelos Moreira.
É preciso falar em Inglês durante as aulas de LI das escolas públicas?
Crenças de professores em formação inicial da UFT sobre o ensino de LI nas
escolas públicas. / Morganna Vasconcelos Moreira GOMES. – Araguaína,
TO, 2018.
36 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2018.
Orientadora : Selma Maria Abdalla Dias Barbosa
1. Crenças. 2. Escolas Públicas. 3. Língua Inglesa. 4. Professores em
formação. I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MORGANNA GOMES VASCONCELOS MOREIRA

É PRECISO FALAR EM INGLÊS DURANTE AS AULAS DE LI DAS ESCOLAS PÚBLICAS? CRENÇAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL DA UFT SOBRE O ENSINO DE LI NAS ESCOLAS PÚBLICAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

Prof. Dra. Elisa Alcântara Alencar

Prof. Ms Naiana Siqueira Galvão

Quando eu contei os meus sonhos para alguém me disseram, são grandes demais para você. Quando falei onde queria chegar, me disseram para por aqui não além. Mas com Deus foi bem diferente, ele me disse vai em frente, eu contigo estou. Quando eu senti medo de seguir ele disse, prossiga eu te fiz para ser um vencedor. Desde então eu nunca mais me limitei, eu guardei no coração as palavras de Deus descobri que os planos dele para mim são maiores que os meus – Borges, Leandro.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus por ter me sustentado e iluminado os meus passos ao longo desses quatro anos. Agradeço a minha mãe que nunca mediu esforços para que eu pudesse me formar, sem ela eu não teria conseguido. Ao longo desses quatro anos laços se fizeram e mais uma vez sou grata a Deus pelos laços que construí dentro da UFT. Agradeço a todos os meus colegas do núcleo comum em especial minha amiga Irene Castro, que mesmo sem me conhecer me ofereceu carona e assim foi durante dois anos, toda minha gratidão. Agradeço também minha amiga Cynthia Lira, pela parceria nos trabalhos, pelos conselhos, pela amizade.

Agradeço a minha orientadora e primeira professora de LI da UFT, Selma Abdalla pela paciência, dedicação, e empatia que teve comigo não só na construção desse trabalho, mas durante toda a graduação. Não poderia deixar de citar todos os meus “Hermanos” bolsista do LALI ano 2015 por todas as risadas, segredos e aventuras que vivemos durante o tempo que estudamos juntos. Em especial minha amiga Marcela Assis, que sempre esteve do lado, me apoiando, minha referência em sensatez, persistência e paciência.

Agradeço também aos meus amigos do Inglês, Marcos, Samantha e Erica por terem sido meus companheiros, neles eu encontrei um porto seguro em meio as minhas inseguranças. Finalizo agradecendo todas as minhas professoras do Inglês por serem acessíveis, dedicadas, motivadoras, mulheres fortes e exemplares. Meu agradecimento a vocês, Professora Andrea, Denise, Elisa, Naiana, Miliane e Selma. Através de vocês eu descobri o quanto o mundo é grande e o quanto nós podemos ser grandes. É gratificante terminar essa caminhada e saber que ao longo dela encontrei pessoas que fizeram diferença, que me ensinaram a ser uma pessoa melhor.

Obrigada.

RESUMO

O estudo de crença(s) sobre o ensino-aprendizado de língua inglesa teve início no Brasil por volta da década de 90. Desde então várias pesquisas vem sendo realizadas dentro da linguística aplicada. As crenças podem ser um fenômeno inconsciente ou não. Muitos alunos não percebem que seus discursos a cerca do ensino-aprendizado de língua inglesa estão carregados de crenças. Essa monografia é guiada pelo conceito de crença dado por (Barcelos, 2006) sendo as opiniões, pensamentos e maneiras de ver o mundo e que podem ser construídas a partir das experiências dos indivíduos. Do mesmo modo abordaremos conceitos, perspectivas de outros autores como, Almeida Filho (1993), Barcelos (1995), Vieira-Abrahão (2004), Silva (2005). Este trabalho teve como objetivo identificar as crenças de professores em formação inicial do curso de letras língua inglesa da UFT sobre o ensino aprendizado de LI nas escolas públicas. Os dados foram coletados através de um questionário respondido por alunos da universidade federal do Tocantins do sétimo e oitavo período de letras língua inglesa, campos Araguaína. Foi utilizada a metodologia quali-quantitativa para realização desta pesquisa. Os dados coletados nesta pesquisa apontam três crenças em comum dentro do curso de Letras-LI da UFT sobre o ensino de Inglês nas escolas públicas.

Palavras chave: Crenças, Escolas públicas, Língua Inglesa, Professores em formação.

ABSTRACT

The study of belief (s) about teaching-learning in English began in Brazil around the 90's. Since then several researches have been carried out within the applied linguist. Beliefs can be an unconscious phenomenon or not. Many students do not realize that their speeches about English language teaching / learning are loaded with beliefs. This monograph is guided by the concept of belief given by Barcelos, (2006) being the opinions, thoughts and ways of seeing the world and that can be constructed from the experiences of individuals. In the same way we will approach concepts, perspectives of other authors as, Almeida Filho (1993), Vieira-Abrahão (2004) and Silva (2005). This work aimed to identify the beliefs of teachers in initial formation of the UFT English language course on the teaching of LI in public schools. The data were collected through a questionnaire answered by students of the federal university of Tocantins of the seventh and eighth period of English language letters, Araguaína fields. The qualitative-quantitative methodology was used to carry out this research. The data collected in this research point to three common beliefs in the UFT Letters course of the UFT on teaching English in public schools.

Keywords: Beliefs, Public schools, English Language, teachers in formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1: É preciso falar inglês durante as aulas de LI nas escolas públicas?.....	24
Gráfico 2: Você acredita que é possível aprender Inglês na escola pública?.....	27
Gráfico 3: É preciso ser fluente para se ensinar Inglês nas escolas públicas?.....	29

LISTA DE SIGLAS

CLC	Competência linguístico comunicativa
LA	Linguística aplicada
LI	Língua Inglesa
PCI	Plano Curricular Institucional
UFT	Universidade Federal do Tocantins

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Histórico dos participantes.....	29
Quadro 2: Formação acadêmica	33
Quadro 3: Professores fluentes	34
Quadro 4: Habilidades do bom professor	34
Quadro 5: Em busca da proficiência.....	35
Quadro 6: Emoções e crenças	35
Quadro 7: O lugar ideal para o aprendizado de LI.....	36
Quadro 8: Local de trabalho adequado.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I - CRENÇAS SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LI.....	15
1.1 Competência comunicativa do professor de LI.....	16
1.2 A formação acadêmica do professor de LI na UFT.....	17
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
2.1 Natureza da pesquisa.....	21
2.2 O instrumento de pesquisa.....	22
2.3 Os participantes da pesquisa.....	22
2.4 Análise reflexiva crítica.....	23
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	24
3.1 CRENÇA I: A Não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas.....	24
3.2 CRENÇA II: Não se aprende Inglês na escola pública.....	25
3.3 CRENÇA III: Não precisa ser fluente para ensinar inglês nas escolas públicas.....	25
3.4 Discursos dos participantes.....	26
3.5 Não é preciso falar Inglês nas aulas de LI das escolas públicas.....	26
3.6 Não se aprende Inglês nas escolas públicas.....	27
3.7 Não é preciso ser fluente para ensinar Inglês nas escolas públicas.....	28
3.8 Percepções de professores em formação da UFT.....	29
3.9 É preciso refletir.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Neste trabalho investigaremos as crenças de professores de LI em formação da universidade federal do Tocantins a respeito do ensino/aprendizado de Língua inglesa nas escolas públicas. Ser professor de língua Inglesa é um grande desafio. Existem muitas críticas sobre o ensino de LI nas escolas públicas. Todos os professores carregam consigo motivações, teorias, e crenças a respeito do ensino de LI. Existem vários estudos com foco em crenças no ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras. No Brasil os percursores são Almeida Filho (1995), Barcelos (1995). A pesquisa foi realizada por meio de questionários com professores em formação inicial do sétimo e oitavo período do Curso de língua Inglesa da UFT.

A motivação para realizar essa pesquisa se deu durante as aulas de estágio Supervisionado onde tive o primeiro contato com um texto que abordavam crenças de professores de LI. Durante a leitura me reconheci em algumas falas e passei a ter consciência de algumas crenças que eu tinha e não sabia as origens. A partir daí busquei outros textos e percebi que seria interessante fazer uma pesquisa nessa área e assim dediquei meu TCC a esse assunto.

Este trabalho será organizado em três capítulos. O primeiro capítulo é destinado ao referencial teórico, onde apresentaremos definições, conceitos do que são crenças. No segundo capítulo, discorreremos sobre a metodologia utilizada para realização dessa pesquisa, aspectos e procedimentos metodológicos. No terceiro, apresentamos os resultados obtidos na nossa pesquisa. No sétimo período durante as aulas de estágio tive o primeiro contato com um texto que abordava crenças de professores de LI. O artigo intitulado “REFLEXÕES, CRENÇAS E EMOÇÕES DE PROFESSORES E DA FORMADORA DE PROFESSORA” (BARCELOS, 2006), permitiu que nós alunos começássemos a perceber e refletir sobre nossas crenças. Durante a aula em que trabalhamos esse texto, percebi que os meus colegas e eu também compartilhávamos de algumas crenças apresentadas no texto, o artigo abriu uma discussão que merecia ser mais detalhada. Esse foi o marco para o começo da minha pesquisa. Desde então minha orientadora e eu fizemos um apanhado bibliográfico para fundamentar a pesquisa.

Detectar crenças não é uma tarefa fácil, Barcelos (2006) afirma que muitas vezes os próprios indivíduos não tem consciência de suas crenças. Entretanto as crenças podem ser

identificadas na fala, nas ações, no seu modo de ver e perceber o mundo. Visto que as crenças não são um fenômeno insólido, optamos por fazer uma pesquisa quantitativa para termos um aparato detalhado dos dados e ter uma amostra qualitativa para apresentação geral e reflexiva.

Nesta monografia foram detectadas três crenças, sendo elas: Não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas. Não se aprende inglês nas escolas públicas. Não precisa ser fluente para ensinar inglês nas escolas públicas.

CAPÍTULO I - CRENÇAS SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LI

O estudo de crenças sobre o ensino/aprendizagem de língua estrangeira teve início no Brasil por volta de 1990, desde então vários pesquisadores vem dando seguimentos a estes estudos. Quando se trata de crenças no ensino/aprendizagem de LI ressaltamos alguns dos principais pesquisadores brasileiros, como: Almeida Filho (1993), Barcelos (1995), Vieira-Abrahão (2004), Silva (2005).

Definir ou conceituar o termo crenças, não é uma tarefa, já que esse termo pode ser encontrado em outras áreas de conhecimento. Para compreender o que são crenças, utilizaremos alguns conceitos a seguir.

Kalaja (1995) define crenças como o que aprendizes e professores pensam sobre vários aspectos da aquisição de segunda língua. Segundo Kalaja as crenças estão ligadas aos pensamentos de aprendizes e professores, assim como os professores tem suas crenças sobre o ensino/aprendizagem de LI os alunos também têm suas próprias crenças é importante ressaltar que muitas vezes essas crenças fazem parte do subconsciente do sujeito. Barcelos conceitua crenças na mesma linha de pensamento de Kalaja. Barcelos diz que crenças são opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos do ensino e aprendizagem de línguas. A esse respeito Almeida filho 2002, diz que crenças são o conjunto de disposições que o professor dispõe para orientar todas as ações da operação global de ensinar uma língua estrangeira .O autor sugere que as crenças orientam as ações dos professores ao ensinar uma língua estrangeiras, esse conjunto disposições envolvem aspectos linguísticos, culturais e sociais, e experiências vivenciadas pelo professor, nesse sentido mais tarde Barcellos conceituou crenças da seguinte maneira:

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e ressignificação (BARCELOS, 2006, p, 20).

Como base nesses teóricos pode dizer que crenças é um modo de ver e interpretar o mundo, resultado do modo como interagimos e percebemos com o que nos é ensinado. De acordo com Pajares (1992), as crenças influenciam o modo como as pessoas organizam e definem suas tarefas, as crenças podem justificar as ações que os próprios indivíduos

participantes não sabem justificar. Para Pajares, os professores tendem a repetir a forma de ensino à qual foram ensinados.

Pode-se dizer que suas experiências anteriores não só influenciam, mas podem determinar a maneira de ensinar. Por isso Barcelos (2004) ressalta a importância de se estudar crenças afirmando que elas exercem papel fundamental no processo de formação de professores. A autora diz que as crenças podem atuar como lentes através das quais os alunos interpretam as novas informações recebidas durante sua formação.

Isso demonstra a importância de nós professores estarmos conscientes de nossas crenças, pois elas afetam diretamente nossas. Ações na sala de aula. É somente por meio da prática reflexiva que essa consciência será adquirida, levando nós professores, a sabermos, explicarmos por que ensinamos como ensinamos. À esse respeito, Kudiess (2005) aponta que a forma de pensar do professor irá refletir nas suas atitudes e decisões na prática de ensino

Já para Sadalla ressalta que:

As crenças representam uma matriz de pressupostos que dão sentido ao mundo, não sendo, apenas, um mero reflexo da realidade, mas sim vão sendo na experiência, no percurso da interação com os demais integrantes desta realidade (SADALLA,1998, p. 34).

Concordamos com Sadalla (1998) quando o teórico cita que as crenças são um reflexo da realidade, ou seja, elas tem um fundamento e podem surgir da interação com os demais participantes, no caso de ensino de LI os participantes são professores, alunos, colegas de formação, e também da sociedade em geral, as crenças muitas vezes são repassadas de um indivíduo para o outro.

1.1 Competência comunicativa do professor de LI

Há muitos anos o ensino/aprendizado de Língua Inglesa tem sido alvo de estudos e recentemente tem havido um grande aumento nesta modalidade de pesquisas dentro da LA, muitos pesquisadores buscam encontrar respostas, crenças, questionamentos e reflexões a cerca da melhor forma de ensinar e aprender Língua Inglesa. O alvo das pesquisas inclui desde tópicos linguísticos ao próprio professor de LI. A competência linguístico-comunicativa do professor de LI tem sido uma grande questão e muitas vezes alvo de critica, a cerca dessa

competência Almeida filho diz que a competência linguístico-comunicativa capacita o professor a utilizar a língua-alvo em contexto de comunicação.

A competência linguístico-comunicativa permite ao professor de LI usar a língua alvo para ensinar, usá-la para meios comunicativos. Almeida filho (1993:20-22) também aborda as outras competências, a competência aplicada que é a que permite ao professor dizer por que ensina como ensina e porque obtém certos resultados. A competência profissional que é adquirida quando o professor assume a responsabilidade e a importância que o papel o professor desempenha na sociedade e por ultimo a competência implícita, que segundo Almeida filha é constituída de instituições, crenças e experiências pregressas desconhecidas frequentemente pelo professor.

Basso (2006) fez uma pesquisa com professores formados em Letras-Língua Inglesa e alunos do ensino médio do estado de Pernambuco sobre o perfil do bom professor de língua inglesa, para 80.6% dos participantes da pesquisa o bom professor de inglês precisa ter em primeiro lugar como habilidade um domínio muito bom sobre a língua que leciona enquanto apenas 3.2% acreditam que em primeiro lugar o bom professor de língua inglesa deve está aberto a aprender. Para Basso esses dados mostram que a maioria os participantes focam quase que exclusivamente na competência discursiva. Segundo Basso (2006) Para alguns o bom professor de língua inglesa é aquele que sabe a língua inglesa como um nativo.

É relevante mencionar que a fluência em língua inglesa ou domínio da língua não implica em querer falar ou “imitar” um nativo. A pesquisa de Basso aponta o que todos os professores de LI já sabem, existe uma grande cobrança sobre o domínio comunicativo dos professores de LI. Neste aspecto Barcelos (2007) diz que por esse motivo, muitos professores e muitos alunos a se sentem envergonhados da sua própria condição linguística de falante de uma língua estrangeira.

Essa vergonha leva muitos professores a se sentirem inseguros para desempenhar o seu papel de professor de língua inglesa demonstrando um déficit na competência comunicativa. Mas o que é preciso saber para ensinar LI? Segundo Barbirato (2003), para que o professor possa desempenhar o seu papel é necessário que ele possua uma serie de requisitos, incluindo

as competências específicas. No que se refere a essas competências. Almeida Filho (2008) ao afirmar que a competência mais básica é a implícita, constituída de intuições, crenças e experiências.

E se, aliada a essa, o professor possuir a competência linguístico-comunicativa para operar em situações de uso da língua. Fica evidente que para a formação de um professor seja necessário um conjunto de competências, e não apenas possuir a CLC (ALMEIDA FILHO, 2008). Entretanto nesta monografia destacaremos a competência linguístico-comunicativa já que está desempenha um papel primordial na prática docente do professor e muitas vezes os professores que não tem o domínio desta competência faz uso de crenças para justificar as suas ações dentro da sala de aula. É mais confortável para o professor falar em português, fazer pouco uso da língua de forma comunicativa e focar apenas nos aspectos gramaticais.

A competência comunicativa teve sua origem a partir da dicotomia de chomskyana de performance. Segundo Chomsky (1975), competência significa o conhecimento que o falante /ouvinte possui da língua já a performance diz respeito ao uso efetivo da língua em situações concretas. Em 1971 Dell Hymes (1995) aplicou a teoria de Chomsky em um trabalho intitulado *On communicative competence*.

Hymes (1995) definiu a competência comunicativa como a capacidade de o sujeito circular a língua-alvo, de modo apropriado/adequado. Segundo (SILVA, 2006), para ser competente é preciso saber e usar as regras do discurso específico da comunidade em que se está inserido, e ainda “saber quando falar, quando não falar, a quem falar, com quem falar, onde e de que maneira”, isto é, ter a capacidade para usar a língua.

Segundo Silva (2007), um dos fatores considerados primordiais para se obter êxito no ensino de línguas é a formação do professor de línguas (WALKER, 2003), por ser o profissional diretamente responsável pelo que deve acontecer na sala de aula e a influência que esses acontecimentos exercem principalmente na produção oral dos aprendizes (LEFFA, 2003).

A esse respeito Walker (2003) diz que a “qualidade” dos cursos de Letras – português/inglês e do corpo discente varia muito entre as universidades brasileiras. A autora ressalta ainda que “no interior existem cursos de Letras que deixam muito a desejar” (Op cite, p.44).

Acreditamos que a competência linguístico-comunicativa do professor depende muito da formação que o professor de LI obteve, bem como do empenho do professor em busca de proficiência. Entretanto sabemos que cada contexto traz suas especificidades e isto deve ser respeitado e trabalhado.

1.2 O papel das crianças na formação do professor

Barcelos (2004) aborda a importância de se estudar crenças, pois elas exercem papel fundamental no processo de formação de professores. Barcelos afirma que “as crenças podem atuar como lentes através das quais os alunos interpretam as novas informações recebidas durante sua formação”. É indispensável que os professores estejam conscientes de suas crenças, pois elas afetam diretamente suas ações na sala de aula.

Entretanto Horwitz (1988) defende que não é algo simples a desmistificação das crenças, mas que é possível criar uma consciência sobre elas. Por isso a importância da reflexão na vida de um professor, é relevante que ocorra essa reflexão desde a formação inicial para que o professor tenha uma visão clara e ampla sobre sua prática docente. Pois a prática docente está totalmente ligada a forma de pensar. Kudiess (2005) expõe “a forma de pensar do professor irá refletir nas suas ações”, ressaltamos o que Pajares diz sobre crenças:

[...] atitudes, valores, julgamentos, axiomas, opiniões, ideologia, percepções, concepções, sistemas conceituais, preconceções, disposições, teorias implícitas, teorias explícitas, teorias pessoais, processos mentais internos, estratégias de ação, regras de prática, princípios práticos, perspectivas, repertórios de entendimento, e estratégia social (PAJARES, 1992, p. 309).

As crenças motivam os professores a tomarem decisões baseado em suas opiniões e ideologias, as crenças podem ser individuais, mas também pode ser compartilhada e disseminada, Perina (2003) diz que as crenças apresentam verdades pessoais, individuais, baseadas na experiência, que guiam a ação e podem influenciar a crença de outros .

Sabendo que a crença de um indivíduo pode influenciar as crenças de outros é provável que existam um aparato de crenças dentro do curso de LI da UFT.

1.3 A formação acadêmica do professor de LI na UFT

Em conformidade com o Projeto Pedagógico Institucional – PPI o curso de Letras Língua Inglesa tem como objetivos formar profissionais:

- Que possuam consciência das variedades linguísticas e culturais, respeitando-as e valorizando-as;
- Capazes de refletir teoricamente sobre a linguagem, utilizando para isso de subsídios de diferentes teorias e abordagens;
- Capazes de fazer uso de novas tecnologias;
- Que compreendam sua formação profissional como processo contínuo, autônomo, dialético e permanente;
- Competentes para a reflexão crítica em torno de temas e questões relativas aos conhecimentos lingüísticos e literários;
- Que atuem no Ensino Fundamental e Médio, comprometidos com a qualidade do ensino e a formação de cidadãos críticos e participativos, tendo em vista as transformações sociais para uma sociedade mais justa e democrática;
- Que articulem o conhecimento teórico a reflexões em torno da prática pedagógica, atendendo às especificidades de sua área de atuação;
- Que sejam capazes de refletir criticamente sobre as dinâmicas que envolvem o espaço escolar, compreendendo-o sob aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos;
- Interculturalmente competentes, capazes de utilizar com criticidade as diferentes linguagens, especialmente a verbal, nas mais diversas situações de interlocução, variando os registros, as modalidades e os gêneros, de acordo com as intenções comunicativas;
- Éticos e conscientes de sua inserção na sociedade, principalmente no que corresponde a sua área de atuação profissional;
- Que dominem o uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais;
- Competentes para trabalhar interdisciplinarmente e em equipe.

Nesse sentido o curso, visa à formação de profissionais que demandem o domínio da(s) língua(s) estudada(s) e suas culturas para atuarem, sobretudo como professores e pesquisadores.

O curso de Letras Língua Inglesa da UFT vem passando por alguns ajustes. Até o ano de 2012 os alunos se graduavam em Letras português-Ingles e respectivas literaturas. No ano de 2012 o curso foi reformulado e os alunos ingressantes no curso de Letras Noturno puderam optar pela habilitação em Língua portuguesa ou Inglesa no quarto período.

Essa mudança ocorreu para que os alunos obtivessem melhores resultados em sua formação acadêmica se dedicando exclusivamente a graduação em língua portuguesa ou inglesa. Recentemente no ano de 2018 o curso de letras passou novamente por mudanças, atualmente os alunos podem optar pela a graduação em Língua Portuguesa ou inglesa a partir do terceiro período.

A maioria dos alunos ingressantes no curso de Letras da UFT campus Araguaína são oriundos de escolas publicas, a grande maioria não fazem ou fizeram curso de Inglês em escolas de idiomas, o aprendizado que estes tiveram foi adquirido na educação básica. Acreditamos que essa realidade justifique o receio que alguns alunos têm de optarem pela licenciatura em língua Inglesa. Vieira-Abrahão (1996) observa que a sala de aula, durante o ensino de inglês muitas vezes se transforma em um campo repleto de “conflitos e incertezas” por parte dos professores frente ao próprio trabalho.

O primeiro contato que os alunos de Letras têm com a língua Inglesa na faculdade é no primeiro período do curso, na disciplina intitulada como Inglês I. A disciplina tem carga horaria de 60 horas. Está é a única disciplina de inglês no primeiro Período. A disciplina Inglês I é pré-requisito, ou seja, para que os alunos possam cursar o Inglês II, III e IV precisam ser aprovados no Inglês antecedente. A disciplina em questão se torna um grande desafio já que os alunos recém-inseridos no ambiente acadêmico muitas vezes se deparam com uma realidade bem diferente do que a de costume.

Por ser a primeira disciplina em Inglês do curso, o Inglês I muitas vezes é visto como vilão, muitos alunos questionam o porquê de terem que estudar inglês já que pretendem escolher pela habilitação em Língua Portuguesa, entretanto esse contato mesmo que obrigatório com a língua inglesa desperta em alguns alunos que antes não tinham interesse em optar pela habilitação em língua inglesa o desejo de aprender mais e até mesmo ser professor de LI.

A partir do momento que o aluno opta pela licenciatura em língua Inglesa nova desafios surgem. Um dos grandes dilemas dos alunos de Letras-Língua Inglesa é a

insegurança na fase de comunicar usando a língua inglesa, essa insegurança derivada muitas vezes da falta de preparo dos alunos. Até então os alunos tinham apenas uma disciplina envolvendo a língua inglesa por semestre e agora passam ter cinco. Essa nova realidade exige do aluno empenho e motivação, a esse respeito Gardner (1985) que as atitudes e motivações dos aprendizes exercem influência sobre a aquisição de segunda língua porque elas orientam o indivíduo a procurar oportunidades para aprender.

Concordamos com o teórico, pois para adquirir habilidades e competências na língua estudada, o indivíduo deve buscar oportunidades para aprender e praticar a língua. Durante as aulas os professores procuram inserir os alunos graduandos nessa perspectiva promovendo aos alunos momentos de interação com a língua, bem como aspectos históricos e culturais.

.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa teve como objetivo principal detectar crenças de alunos em formação inicial de língua Inglesa da UFT sobre o processo de ensinado/aprendizado de LI e fazer uma reflexão a respeito da influência das crenças na prática docente dos futuros professores. Esta pesquisa quali-quantitativa, de cunho etnográfico, foi realizada no ano de 2018.

Segundo Engel e Tolf (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Sab que a pesquisa qualitativa pode ser definida como uma metodologia que obtém dado a partir de observações extraídas diretamente dos participantes.

Para Kincheloe (2003), a diferença entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa é que a primeira é mais preocupada com as características abstratas que cercam um evento, e a segunda com a frequência. O teórico diz que a pesquisa quantitativa essa pode promover ideias importantes no que concerne à disposição das informações de uma forma resumida e direta, e também o trabalho com variáveis diferentes. Para analisar as questões fechadas usaremos a metodologia quantitativa, e faremos também uma análise geral qualitativa reflexiva das outras questões analisadas.

2.2 O instrumento de pesquisa

Para coleta dos dados foi aplicado um questionário com dez questões. As perguntas foram elaboradas com o intuito dos participantes poderem expressar suas crenças sem que percebam que estão sendo aguçados a dizê-las. O questionário nos permite observar como as crenças se manifestam, as perguntas foram elaboradas conforme a colocação de Barcelos a respeito do que são crenças:

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação (BARCELLOS, 2006 p. 26).

O questionário foi aplicado no dia 24/09/2018 no período matutino com a turma do 8º período durante a aula de TCC e no período noturno com a turma do 7º período durante a aula de poesia em língua inglesa. Os alunos responderam de forma individual o questionário sem saber qual era o intuito final da pesquisa, porque acreditamos que se os alunos estivessem cientes do nosso objetivo poderia alterar o resultado da pesquisa.

Foram aplicados um total de dezesseis questionários. Visto que alguns questionários obtiveram respostas incoerentes com as perguntas, esses foram excluídos da pesquisa e outros não foram devolvidos no fim do tempo estipulado pela professora regente no dia da aplicação por esse motivo ficaram de fora da análise. Dentre os dezesseis foram selecionados nove questionários para fazerem parte da pesquisa.

2.3 Os participantes da pesquisa

Todos que participaram da pesquisa são acadêmicos de letras língua-Inglesa. Sendo dois homens e sete mulheres. O questionário foi aplicado em duas turmas. 8º período matutino e 7º período noturno. O oitavo período matutino faz parte da grade de português, os alunos que responderam o questionário, são alunos de letras-Língua inglesa que já concluíram todas as disciplinas do curso e estão devendo apenas o TCC por isso frequentam a turma do 8º período matutino. Esses alunos com exceção de uma, já trabalham como professores de Língua Inglesa, o que enriquece ainda mais a pesquisa pelo fato dos mesmos já estarem diretamente ligados ao ambiente escolar, terem suas crenças e fazem uso delas.

Enquanto os alunos do 7º período noturno que participaram da pesquisa ainda não trabalham como professores de LI, porém já estão tendo contato com a sala de aula através do estágio. O perfil dos alunos é variado os alunos têm de 18 a 25 anos. Dos alunos que participaram da pesquisa apenas dois já fizeram curso de inglês em uma escola de idiomas. O contato que o restante dos alunos teve até então com a língua inglesa foi na educação básica.

2.4 Análise reflexiva crítica

Após os dados coletados foi realizada uma análise crítica reflexiva. Porque acreditamos que não basta detectar as crenças e identifica-las, é preciso refletir sobre elas, a reflexão é uma forma do leitor se auto avaliar. Observar como as crenças estão influenciando ou poderão influenciar nas suas futuras práticas docentes. Paulo freire diz que:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar sobre o fazer (FREIRE, 1996, p. 38).

Barcelos (2006) diz que as crenças estão ligadas aos pensamentos, e Freire (1996) diz que a prática docente crítica leva ao pensar certo, partindo desde pressuposto foi feito a análise crítica reflexiva dos dados coletados nesta pesquisa. Os dados serão apresentados no próximo capítulo.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

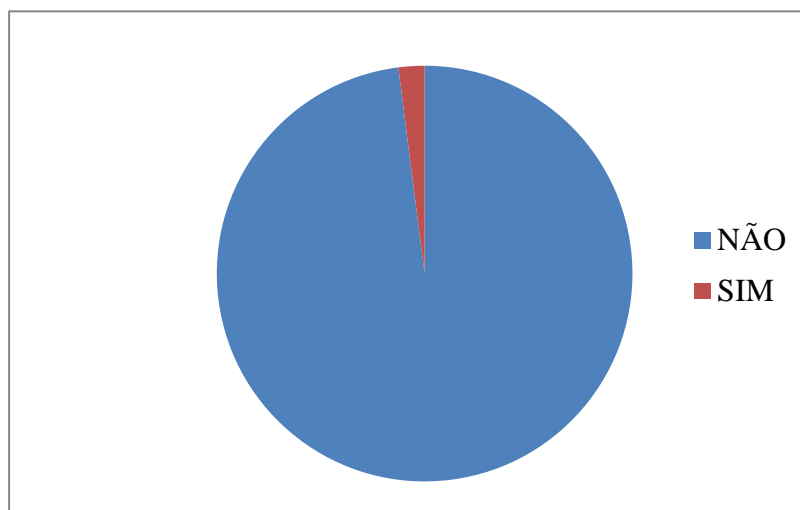
Neste capítulo discorreremos sobre os resultados da pesquisa, partindo da identificação das crenças dos participantes. Em seguida faremos uma análise quantitativa de três crenças detectadas no questionário. Depois apresentaremos o resultado total dos dados e em seguida destacaremos os discursos de três participantes a cerca das três crenças detectadas nesta pesquisa. É importante ressaltar que a identidade dos participantes desta pesquisa foi resguardada e por isso os mesmo serão representados por nomes fictícios.

Nas segundas sessões apresentaremos as outras questões em uma breve análise qualitativa e por fim será feita uma breve análise reflexiva dos dados e as considerações finais. As crenças a serem abordadas são: Não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas. Não se aprende Inglês nas escolas publicas. Não precisa ter fluência/habilidade linguístico/comunicativa para se ensinar nas escolas públicas.

3.1 CRENÇA I: Não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas.

A primeira questão trazia a seguinte pergunta: É Preciso falar em inglês durante as aulas de LI nas escolas públicas? 98% dos participantes da pesquisa afirmaram que não é preciso falar em Inglês durante as aulas de LI nas escolas públicas. Os dados evidenciam que existe uma crença de que não é preciso usar a língua inglesa de forma comunicativa durante as aulas de LI. Essa crença é compartilhada pela a maioria dos alunos participantes da pesquisa. Apenas 2% acreditam que é preciso falar em inglês durante as aulas de LI nas escolas públicas. Segue abaixo o gráfico:

Gráfico 1: É preciso falar inglês durante as aulas de LI nas escolas públicas?

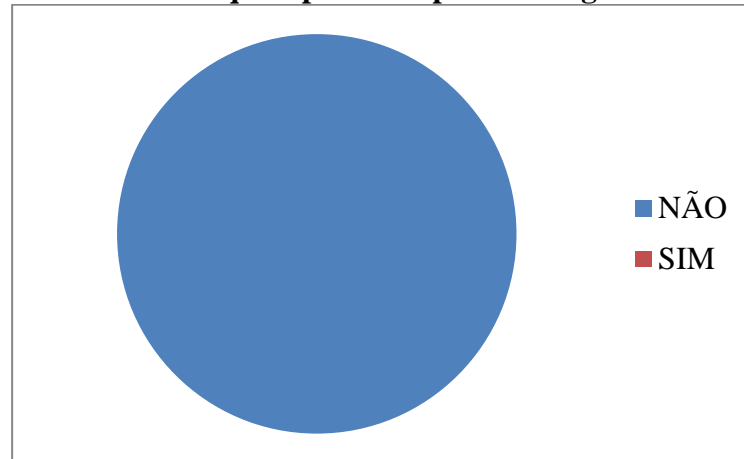


Fonte: Autor

3.2 CRENÇA II: Não se aprende Inglês na escola pública

A segunda questão: Você acredita que é possível aprender inglês na escola pública? 100% dos participantes da pesquisa afirmaram que não é possível aprender inglês nas escolas públicas. O gráfico mostra esses dados:

Gráfico 2: Você acredita que é possível aprender Inglês na escola pública?

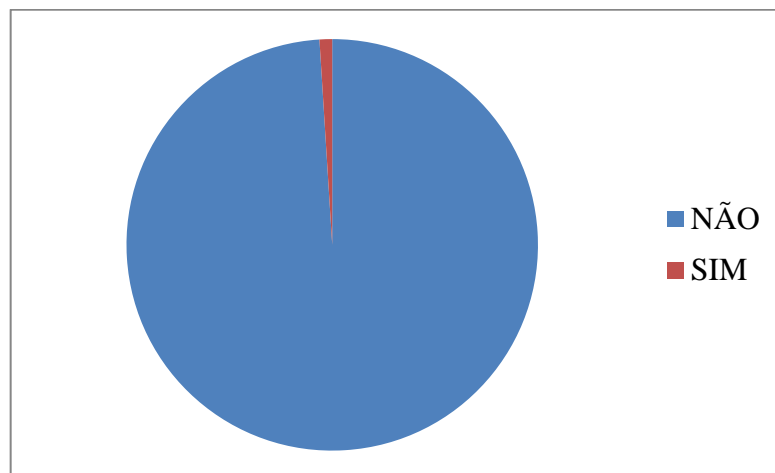


Fonte: Autor

3.3 Crença: III: Não é preciso ser fluente para ensinar inglês nas escolas públicas.

A terceira questão perguntou: É preciso ser fluente (ter habilidade linguístico/Comunicativa) para se ensinar inglês nas escolas públicas? Justifique sua resposta. 100% dos alunos afirmaram que não é preciso ser fluente (dominar a habilidade linguístico/comunicativa) para se ensinar inglês nas escolas públicas.

Gráfico 3: É preciso ser fluente para se ensinar Inglês nas escolas públicas?



Fonte: Autor

3.4 Discursos dos participantes

Após apresentar os dados em gráficos, nessa seção apresentaremos uma análise qualitativa dessas crenças, abordando a fala de três professores em formação inicial da UFT. Ficou definido detalhar apenas a fala de três participantes visto que se tratam das mesmas crenças e todas repostas são semelhantes ou repetidas. O quadro abaixo apresenta um resumo das características dos participantes.

Quadro 1: Histórico dos participantes

PARTICIPANTE	PERÍODO	HISTORICO ACADÊMICO
ALEX	7º Período	Estudou em escola pública, não frequentou curso de idiomas.
CAROLINA	7º Período	Estudou em escola pública, não frequentou curso de idiomas.
LAURA	8º Período	Estudou em escola pública, não frequentou curso de idiomas.

As crenças abordadas são: (1) Não é preciso falar em inglês em durante as aulas de LI das escolas publicas. (2) Não se aprende Inglês nas escolas publicas. (3) Não precisa ter fluência/Competência linguístico/comunicativa para ensinar inglês nas escolas públicas.

3.5 Não é preciso falar Inglês nas aulas de LI das escolas públicas

A questão número um trazia a seguinte pergunta: É preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas publicas? O aluno Alex diz:

Não, deveria, mas as escolas públicas não obrigam o professor a ser fluente na língua, então não precisa falar em inglês nas escolas públicas (Via questionário concedido em 24/09/2018)

Alex afirma que não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas, entretanto usa a palavra “deveria” mostrando que tem a consciência de que é preciso sim, falar em inglês nas aulas de LI. Porém continua firme no seu discurso e se justifica

dizendo que as escolas públicas não obrigam o professor a falar inglês. Mesmo estudando para ser um professor de LI o que leva Alex a ter essa forma de pensamento?

Barcelos diz que as crenças são construídas a partir de nossas experiências. Conforme apresentado na tabela A, Alex estudou em escola pública provavelmente essa crença é resultante dessa experiência (Barcelos, 2006). Respondendo a mesma questão, Carolina diz:

Não, as escolas publicas não exigem isso, o professor pode ensinar em português (Via questionário concedido em 24/09/2018)

É relevante observar que assim como Alex usou a palavra “Obrigam” se referindo ao ensino de LI, Carolina usa a palavra “Exigem” para afirmar sua crença de que não precisa falar inglês nas escolas públicas. O discurso de Carolina está arraigado de crenças. Kudiess diz que as crenças exercem influencia na prática docente do professor, desde modo provavelmente Carolina não usará a língua como meio comunicativo nas suas aulas de LI (KUDIESS, 2005, p 43). Do mesmo modo Laura também acredita que não é preciso falar em inglês nas escolas públicas:

Não necessariamente, apenas vocabulários fáceis para os alunos. Tento em vista que os alunos têm dificuldades para entender quase tudo, e muitas vezes o próprio professor também tem dificuldade na fala. (Via questionário concedido em 24/09/2018)

Dentre toda a fala de Laura destacamos a parte em que aborda que muitas vezes o próprio professor tem dificuldade na fala. Se o professor não tem a habilidade linguístico/comunicativo ele pode se auto justificar, fazendo uso de crenças compartilhadas e disseminadas, PERINA (2003) diz que as crenças podem ser verdades pessoais, mas que podem influenciar a crença de outros. O que mostra ser uma verdade visto que 98% dos participantes desta pesquisa tem a mesma crença.

3.6 Não se aprende Inglês nas escolas públicas

Na questão número (2) “Você acredita que é possível aprender inglês nas escolas públicas? Sim ou não. Justifique sua resposta.” Essa questão trouxe resultados inesperados, 100% dos participantes, professores de LI em formação inicial afirmaram que não é possível aprender inglês nas escolas públicas. Veja a seguir os discursos dos alunos ao serem questionados. O aluno Alex diz que:

Não, porque precisa de muita dedicação e as aulas de inglês nas escolas não é para fazer os alunos aprenderem a falar em inglês, para aprender inglês precisa fazer um curso (Via questionário concedido em 24/09/2018)

Seguindo a mesma linha de pensamento Carolina diz:

Não, nas escolas publicas se aprende muito pouco inglês. Acredito que não é possível porque quando eu estudava na escola aprendi muito pouco ((Via questionário concedido em 24/09/2018)

Do mesmo modo Laura acredita que não é possível:

Não, da maneira em que se é ensinado inglês nas escolas públicas não é possível. Porque a língua é pouco usada dentro e fora da sala de aula ((Via questionário concedido em PRE 24/09/2018)

É importante observar que na fala dos participantes os mesmo listam alguns motivos que levam eles a acreditarem que não se aprende inglês na escola pública. Carolina expressa sua crença e mostra o que Barcelos (2006) diz que as crenças estão ligadas a experiências passadas, a mesma diz que não acredita que seja possível aprender inglês na escola pública porque quando estudava na escola aprendeu muito pouco.

Essa experiência negativa que a mesma teve no passado ainda tem influência sobre seu modo pensar. É relevante observar que todos os motivos pelos quais os alunos apontam como empecilhos para não se aprender inglês na escola pública são reversíveis, entretanto estes parecem estar convictos de que seu modo pensar é uma verdade absoluta, irreversível. O que propaga e fortalece ainda mais essa crença (KALAJA, 1995, p. 192).

3.7 Não é preciso ser fluente para ensinar Inglês nas escolas públicas

A questão (10) “É preciso ser fluente (ter habilidade linguístico/Comunicativa) para se ensinar inglês nas escolas públicas?” 100% dos participantes responderam claramente que não é preciso que o professor seja fluente. Ao ser questionado Alex Afirma:

Não, pois na escola pública não exige que o professor seja fluente, ou fale em inglês nas aulas (Via questionário concedido em 24/09/2018)

Laura expressa sua crença da seguinte forma:

Não, basta saber gramática, preparar a aula antes, porque gramática é o que se aprende na escola. Eu já tive ótimos professores que não eram fluentes e ensinavam muito bem. (Via questionário concedido em 24/09/2018)

Carolina é a única participante eu divergi dessa crença. Carolina afirma:

Na minha opinião é preciso sim, o professor precisa dominar o que ensina e não ficar só enrolando (Via questionário concedido em 24/09/2018)

É alarmante observar que 99% dos participantes compartilham da crença de que o professor não precisa ter competência linguístico/comunicativa para ensinar nas escolas públicas. Os participantes apontam alguns motivos pelo quais levam os mesmo a crê que o professor de escola pública não precisa ser fluente. É relevante observar em como os discursos dos alunos se encaixam baseando uma crença na outra.

Os alunos acreditam que não é preciso ser fluente ou dominar a língua porque não é preciso falar em inglês nas aulas das escolas publicas. Entretanto sabemos que é indispensável que o professor domine a língua que ensina (ALMEIDA FILHO, 1993, p 20). Se o professor não fala em inglês na sala de aula como que os alunos vão reproduzir? Como que os alunos vão aprender a pronúncia de uma palavra? Para que se aprenda inglês nas escolas públicas é

necessário que primeiro se ensine. Por isso é de extrema importância discutir, refletir e propor um novo olhar a cerca dessas crenças. (GARDNER, 1985, p.56).

3.8 Percepções de professores em formação da UFT

O questionário tinha dez questões, dentre as dez, as crenças se manifestaram fortemente em três questões. Entretanto para melhor entendimento sobre o surgimento e as manifestações das crenças detectadas acima, apresentaremos a seguir em tabelas as opiniões dos participantes da pesquisa a cerca de todas as questões apresentadas no questionário e por concluiremos essa monografia com uma breve análise reflexiva a cerca das crenças dos participantes.

Quadro 2: Formação acadêmica

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Pensando em sua formação acadêmica e em suas habilidades, você se sentiria mais a vontade em ensinar inglês na escola pública ou particular?	Em uma escola pública, porque infelizmente não domino a língua, mas eu pretendo aprender por isso estou fazendo curso.
CAROLINA	Pensando em sua formação acadêmica e em suas habilidades, você se sentiria mais a vontade em ensinar inglês na escola pública ou particular?	Na escola pública porque é mais fácil de ensinar, não existe tanta cobrança para o professor. O curso deixa a desejar.
LAURA	Pensando em sua formação acadêmica e em suas habilidades, você se sentiria mais a vontade em ensinar inglês na escola pública ou particular?	Na escola pública porque não sou fluente, tenho dificuldades em falar inglês e nas escolas particulares com certeza exige mais do professor, não que isso seja certo mas no momento me sentiria mais a vontade ensinar na escola pública

Quadro 3: Professores fluentes

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Qual a importância de se ter professores fluentes em LI para a sua formação?	Para aprender a pronúncia das palavras, aprender sobre cultura e ter com quem conversar em inglês.
CAROLINA	Qual a importância de se ter professores fluentes em LI para a sua formação?	Os professores ensinam de forma mais eficaz, tem facilidade em ensinar em inglês, nos ajudam a aprender a falar também.
LAURA	Qual a importância de se ter professores fluentes em LI para a sua formação?	É muito importante, porque temos a oportunidade de aprender a comunicar língua.

Quadro 4: Habilidades do bom professor de LI

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Quais habilidades e competências uma pessoa precisa ter para ser um bom professor de inglês?	Precisa ser fluente, ter didática, ter domínio na fala, escrita, ser paciente.
CAROLINA	Quais habilidades e competências uma pessoa precisa ter para ser um bom professor de inglês?	Ter fluência, dominar a língua que ensina
LAURA	Quais habilidades e competências uma pessoa precisa ter para ser um bom professor de inglês?	Ser paciente, ser fluente, dominar a gramática.

Quadro 5: Em busca da proficiência

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Para adquirir fluência o que o professor em formação inicial precisa fazer?	Continuar estudando
CAROLINA	Para adquirir fluência o que o professor em formação inicial precisa fazer?	Fazer um curso de inglês
LAURA	Para adquirir fluência o	Fazer curso, ver filmes,

que o professor em formação inicial precisa fazer?	ter contato com a língua.
--	---------------------------

Quadro 6: Emoções e crenças

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Você se sente constrangido em ter que falar em inglês na frente de outras pessoas?	Sim, porque não tenho domínio e também porque não tenho com que praticar e perder o medo.
CAROLINA	Você se sente constrangido em ter que falar em inglês na frente de outras pessoas?	Sinto, porque não consigo falar com desenvoltura, não sei pronunciar muitas palavras em inglês.
LAURA	Você se sente constrangido em ter que falar em inglês na frente de outras pessoas?	Demais, principalmente na frente de quem sabe. Das professoras da faculdade.

Quadro 7: O lugar ideal para o aprendizado de LI

PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Qual o lugar ideal para aprender inglês?	Morar em um país que fale inglês
CAROLINA	Qual o lugar ideal para aprender inglês?	Cursinho de Inglês
LAURA	Qual o lugar ideal para aprender inglês?	Escola de Idiomas

Quadro 8: Local de trabalho adequado

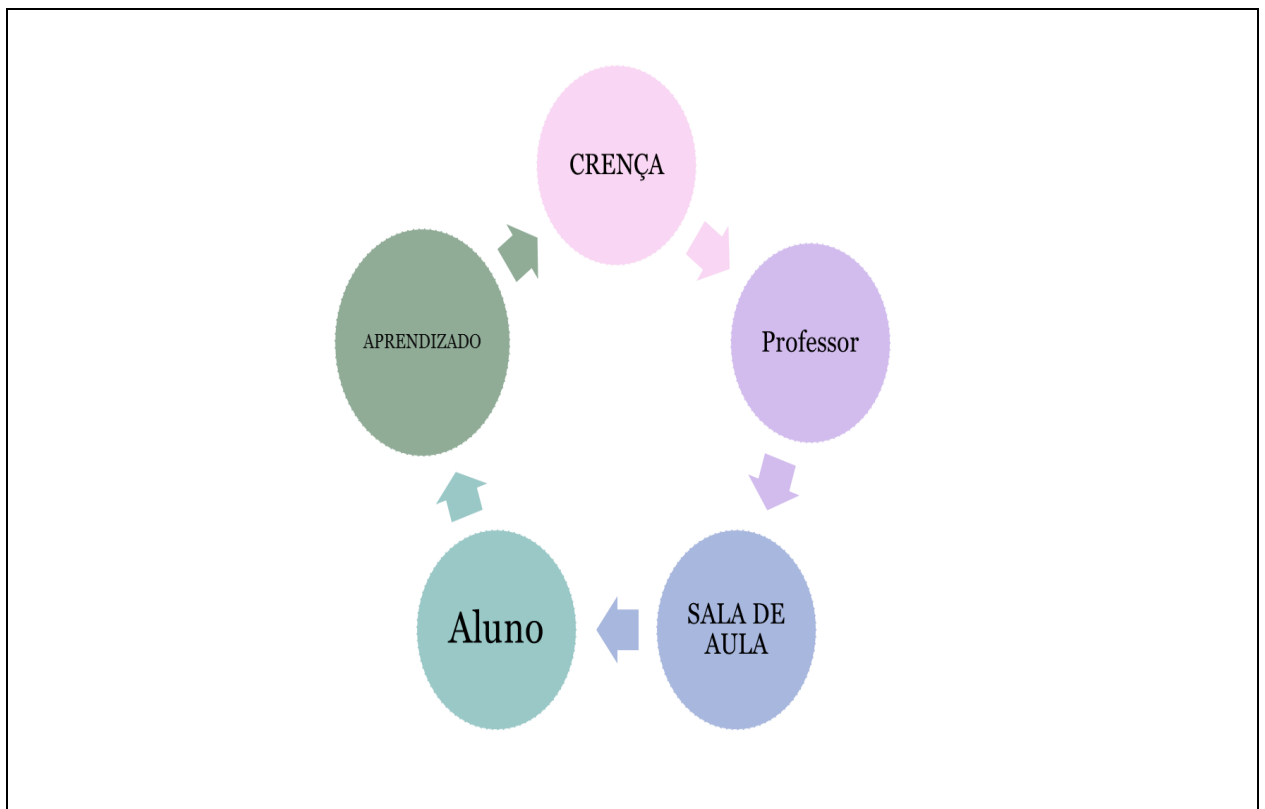
PARTICIPANTE	PERGUNTA	RESPOSTA
ALEX	Você trabalharia em uma escola de idiomas ao fim da sua graduação?	Não, pois eu ainda vou ter que aprender muito.
CAROLINA	Você trabalharia em uma escola de idiomas ao fim da sua graduação?	Sim, o que eu mais quero é ensinar o que aprendi.
LAURA	Você trabalharia em uma escola de idiomas ao fim da sua graduação?	Não, tenho muita dificuldade com inglês, tenho vontade de fazer um curso, pegar experiência

em uma escola pública depois talvez eu trabalhe, mas não agora.

3.9 A AÇÃO DAS CRENÇAS

Após os dados coletados percebemos que as crenças formam um ciclo vicioso, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 9: Crenças em ação



O professor é influenciado pela crença, ao ser influenciado ele toma a crença como verdade absoluta e passa tomar suas decisões em sala de aula baseado nessa crença. Se o professor não acredita que não é possível aprender inglês na escola pública o mesmo não se esforçara para que o aprendizado aconteça, essa atitude refletirá nos alunos que perceberão a desmotivação do professor e podem passar a fazer uso da mesma crença. O que influenciará no aprendizado dos alunos.

4.0 É preciso refletir

Após os dados apresentados nesta pesquisa é possível observar o papel que as crenças estão tendo sobre o modo de pensar e agir dos professores em formação inicial. As crenças aqui detectadas exercem um papel negativo na formação dos professores, visto que em seus discursos os mesmos demonstram que desacreditam no seu próprio trabalho, afirmando que não é possível aprender inglês nas escolas públicas, entretanto afirmam que é nas escolas públicas que os mesmos pretendem trabalhar. Os participantes da pesquisa demonstram insegurança, medo, e por isso buscam um local de trabalho que na visão deles não vai exigir tanto de suas habilidades.

Os mesmos também expõem suas dificuldades e despreparo em relação à língua inglesa, ao mesmo tempo parecem estar convictos de que não conseguirão atingir a proficiência, entretanto é importante observar o que Barcelos (2006) diz, a teórica explica que existe uma grande expectativa dos professores de LI em relação a sua formação acadêmica e muitas vezes os mesmos se sentem frustrados por não conseguir obter o domínio da língua em quatro anos. Entretanto é necessário tempo, amadurecimento e esforços dos professores para que o professor consiga dominar a língua.

Outro ponto que queremos refletir é a questão emocional dos professores em formação inicial, os mesmos afirmaram que se sentem constrangidos e envergonhados ao falar em inglês, como mostramos nas tabelas acima. A participante Laura apontou que sente envergonhada ao ter que falar em inglês na frente de seus professores.

É relevante observar essa informação, e refletir em como os professores da UFT lidam com essas situações, pois no curso de Letras LI existem diferentes perfis de alunos, com históricos escolares diferentes, alguns alunos já entram no curso com boas habilidades na língua, enquanto outros vão ter que desenvolver essas habilidades ao longo do curso e esse pode ser um processo demorado, muitas vezes os aprendizes se sentem inseguros, pressionados ou envergonhados da sua condição de falante de LI, e por medo de falar, não desenvolvem a habilidade comunicativa. Um aluno que não desenvolve a habilidade linguístico/comunicativo na sua graduação terá grandes chances de apoiar suas decisões em sala de aula em crenças.

As crenças a respeito do ensino de LI nas escolas públicas desta pesquisa apontam resultados negativos. Os participantes da pesquisa afirmam que não se aprende inglês na

escola pública, entretanto os mesmo compartilham da crença de que o professor de escola pública não precisa falar em inglês durante as aulas, não precisa ter domínio da língua. Primeiro, é preciso questionar, se o professor não usa a língua como meio comunicativo como que os alunos vão aprender? Se o próprio professor entra em sala de aula descreditoado que aprender inglês naquele ambiente é impossível, será que esse professor vai se empenhar? Vai usar abordagens e metodologias para tentar ensinar os alunos? Muito provável que não.

Neste momento coloco-me como pesquisadora de lado, é como professora de LI em formação inicial, baseada na minha experiência, afirmo que precisamos acreditar em uma educação pública de qualidade. Nós professores de LI devemos buscar proficiência, independe do local de trabalho, seja em um curso de idiomas, ou em escola do interior, devemos sempre dar o nosso melhor e em hipótese alguma subestimar que nossos alunos são incapazes de aprender.

Sabemos que desmistificar uma crença não é uma tarefa fácil, mas segundo Horwitz é possível criar uma consciência sobre elas, por isso a importância de ser um professor reflexivo. Esperamos que essa monografia possa contribuir para possíveis reflexões dentro do nosso curso de Letras-língua Inglesa.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo diagnosticar e refletir sobre as crenças de professores em formação inicial em torno do ensino de língua estrangeira nas escolas públicas. A presente monografia diagnosticou três crenças dominantes dentro do curso de Letras-Língua Inglesa da UFT sobre o ensino de Inglês.

Para realizar esta pesquisa, partimos da definição de crenças proposta por Barcelos (2006), que as considera formas de pensamento, “maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos; coconstruídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação” (p. 18).

A pesquisa apontou o que PERINA (2003) diz sobre as crenças, que elas são verdades pessoais, individuais, baseadas na experiência, que guiam a ação e podem influenciar a crença de outros (p.10). Apesar dos dados terem sido coletados individualmente, sem troca de ideias entre os participantes, podemos perceber a manifestação de três crenças em comum. Concluímos essa pesquisa, acreditando que a prática reflexiva e o ensino reflexivo podem levar os participantes dessa pesquisa a adotar um novo modo de pensar e posteriormente agir. Não deixando que suas crenças se tornem verdades absolutas.

Ao final dessa pesquisa respondendo a pergunta que norteou essa monografia, concluímos que baseado em crenças a maioria dos alunos participantes desta pesquisa acreditam que não é preciso falar em inglês durante as aulas de LI das escolas públicas. Entretanto ressaltamos que essa é uma pesquisa sobre crenças, os resultados aqui coletados mostram uma realidade alarmante, porém verdadeira. Cabe aos professores em formação inicial e aos formadores de professores encontrarem um novo caminho, para que os professores de LI se sintam capazes, confiantes, aptos e acima de tudo motivados a falarem inglês nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. (Org.) **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Campinas: Pontes Editores, ArteLíngua, 2004.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes Editores, 1993.

BARCELOS, Ana Maria F. A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BARCELOS, Ana Maria F. / VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Crenças no ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores. (Org.). Campinas: Pontes.
HYMES, D. A cerca da competência comunicativa. IN. Lobera. M. et al. **Competência comunicativa**. Documentos básicos em lã ensenanza de lenguas extrageiras. Madrid: Edelsa, 1995.

KALAJA, P. (1995). Students beliefs (or metacognitive knowledge) about SLA reconsidered. *International Journal of Applied Linguistics*, vol. 5, n. 2, p. 191-204

KINCHELOE, J.L. The value of qualitative dimension. In: _____. *Teachers as researchers: Qualitative inquiry as a path to empowerment*. Londres: New York Taylor & Francis, 2003. p.188-205.
Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012

VIEIRA ABRAHÃO, M. L. A **formação e o desenvolvimento do professor de línguas**. In: MACIEL, F. R; ARAUJO, V. A. (Org). *Formação de professores de língua: ampliando horizontes*. Ed. Paco, volume 1 Jundiai, 2011, p. 155 -166.

_____. **A formação dos professores de língua de uma perspectiva socio cultural.** IGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/2, dez. 2012, p. 457-480.

_____. **Metodologia na investigação das crenças.** In: BARCELOS, Ana M. F.; ABRAHÃO, Maria H. V. (Orgs.). *Crenças e Ensino de Línguas.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

KUDIESS, Elisabeth. **As crenças e os sistemas de crenças do professor de inglês sobre o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira no sul do Brasil:** sistemas, origens e mudanças. *Linguagem e Ensino*, vol. 8, n.2, 2005.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERINA, Andrea. A. *As crenças dos professores em relação ao computador: coletando subsídios.* Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

TAVEIRO, Maria da Guia Taveiro. **Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais –Ano 03 Nº 04 – 2007.**

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. *Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações.* Campinas: Alínea, 1998.

SANTOS, Caroline da S.; FERMINO, Meryellen A. **Ensino-aprendizagem de língua inglesa no ensino fundamental:** um estudo de crenças. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português - Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

SILVA, T. T. *A produção social da identidade e da diferença.* In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* **Petrópolis: Editora Vozes**, 2003. p.73-102.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Crenças, pressupostos e conhecimentos de alunos-professores de língua estrangeira e sua formação inicial. **In: VEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.)**. Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões. Campinas: Pontes e Arte Língua, 2004.

WALKER, S. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: STEVENS, C.; CUNHA

WWW.uft.edu.br/index.php/ensino/graduacao/cursos/149-ensino/cursos-de-graduacao/10698-curso-de-letras-ingles-araguaina - PCI